

## Nem crise barra a ascensão de pobres

(Não Assinado)

RIO - A quantidade de pessoas consideradas pobres continua caindo mesmo mesmo com o agravamento da crise financeira internacional. De acordo com com dados divulgados ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), 8% dessas pessoas migraram para classes de rendimento mais alto durante 2008. Além disso, a classe média-emergente continua crescendo nas seis principais metrópoles do país. Em dezembro de 2008, estavam incluídos 53,8% da população. Esse percentual era 51,8% no mesmo período de 2007.

A classe AB, a mais alta da pirâmide social brasileira, perdeu espaço em termos de ascensão social desde o agravamento da crise financeira internacional em setembro, caindo 0,65% no período compreendido até dezembro. A FGV chegou a esta constatação ao relizar um estudo sobre a mobilidade social no país com a crise.

No mesmo período dos dois anos anteriores 2007 e 2006 a classe AB subiu 3% na pirâmide. O autor da pesquisa, Marcelo Néri, explicou que, se antes, de cada 100 pessoas que estavam na classe AB 20 caíam a cada ano, hoje, essa relação chega a 25. É aí que os sinais da crise são mais visíveis, constatou.

Dessas 25 pessoas, quatro caíram diretamente para a classe E. Néri explicou que é provável que sejam pessoas que perderam o emprego ou faliram por conta da crise.

As pessoas com renda mais alta estão vinculadas aos canais de impacto da crise, como o setor exportador, financeiro e imobiliário. A boa notícia é que esses setores são menos importantes aqui do que em outros países, em termos de emprego, de indicadores de renda.

Néri observou que o fato de a economia ser relativamente fechada e regulada garantiu uma maior proteção de choque financeiros externos. O levantamento da FGV aponta, no entanto, que a crise não afetou tanto a classe C, onde o movimento de ascensão não foi interrompido. A classe média emergente continua crescendo nas seis principais metrópoles do país (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre).

Intitulado Crônicas de uma Crise Anunciada: Choques Externos e a Nova Classe Média, o estudo mostra que, em dezembro de 2008, a classe média (classe C) passou a representar 53,8% da população. No mesmo período de 2007, esse percentual era de 51,8%. As classes D e E também continuaram encolhendo comparado aos anos anteriores, de acordo com a FGV. Enquanto 6,79% da classe D migrou para classes mais altas, na classe E esse percentual chegou a 8%.

Marcelo Néri ressaltou a importância das políticas públicas de transferência de renda e injeção de demanda pública em momentos como este.

Ele citou como exemplo o programa federal Bolsa Família que, segundo ele, atende 25% da população brasileira.

Na opinião do economista, o Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) é outra ferramenta importante no amortecimento da crise na economia do país, além de melhorar a logística local.

Néri alertou que, embora as políticas públicas sejam necessárias elas não são suficientes no longo prazo. Se a gente gastar muitos recursos de maneira errada, no futuro, quando a crise passar, estaremos com o freio de mão puxado.

Ele defendeu instrumentos que criem microcréditos, abonos, microsseguros e investimento em educação para que o país e as classes mais pobres enfrentem os efeitos futuros da crise.